



A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO DA SEXUALIDADE INFANTIL NA PSICOPEDAGOGIA

HENRIQUE GUILHERME SCATOLIN

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba (2003). Possui doutorado e mestrado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua há 08 anos como psicoterapeuta de enfoque psicanalítico, há 07 anos como docente da Fundação Hermínio Ometto na cidade de Araras e há 07 anos como consultor credenciado a Fundap no estado de São Paulo.

Contato: henriquescatolin@hotmail.com

JULIANE LUIZA MENDES STOROLI

Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Hermínio Ometto de Araras, com pós-graduação em psicopedagogia por esta mesma instituição.

Contato: juliane_storoli@hotmail.com

A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO DA SEXUALIDADE INFANTIL NA PSICOPEDAGOGIA

Henrique Guilherme Scatolin

Juliane Luiza Mendes Storoli

RESUMO: A sociedade brasileira tem passado por mudanças significativas; entretanto, questões ligadas à sexualidade continuam sendo tratadas de forma distorcida, com preconceitos principalmente quando o tema é voltado às crianças. Com base nesta realidade, o presente estudo busca compreender a importância da psicopedagogia em relação à sexualidade infantil e suas contribuições ao trabalho de orientação sexual. O objetivo deste trabalho é analisar as manifestações referentes aos conflitos gerados pela má compreensão da sexualidade infantil e refletir como o psicopedagogo pode intervir nessa realidade. Partindo desse pressuposto será levantado dados bibliográficos com a leitura de vários livros e artigos relacionados ao tema para fundamentar tais questionamentos. O estudo sinaliza para a importância da compreensão da sexualidade infantil na intervenção psicopedagógica por mostrar o seu caráter interdisciplinar e seu foco nos problemas de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade Infantil. Problemas de Aprendizagem. Psicopedagogia.

THE IMPORTANCE OF THE UNDERSTANDING OF CHILDREN'S SEXUALITY IN PSYCHOPEDAGOGY

ABSTRACT: Our society has undergone significant changes; however, issues about sexuality continue to be treated in a distorted and prejudiced way, especially when the subject is about the infantile sexuality. Based on this fact, the present study seeks to understand the importance of psychopedagogy in relation to infantile sexuality and its contributions to children's sexual orientation. The objective of this study is to analyze the events related to conflicts created by poor understanding of infantile sexuality and to reflect on how the psychopedagogue can intervene in this reality. Based on this assumption bibliographic data will be gathered by the reading of various books and papers related to the topic to ground such questions. The study indicates the

importance of understanding infantile sexuality in the pedagogical intervention by showing its interdisciplinary character and its focus on learning problems.

KEYWORDS: Children's Sexuality. Learning Problems. Psychopedagogy.

INTRODUÇÃO

A sexualidade está cada dia mais presente em nosso cotidiano, seja pela mídia ou ainda pela abordagem cotidiana. Ainda é um tema que gera muitas polêmicas, preconceitos, tabus e ideias pré-concebidas. A cada dia nós somos expostos, pela mídia, a uma concepção de sexualidade que explora a imagem da mulher e da criança de forma erotizada e indiscriminada.

Nossa sociedade tem passado por mudanças significativas, mas a educação sexual ainda não é vista pela instituição escolar como algo importante na formação do educando, no desenvolvimento da sua personalidade, da sua atuação social e ética, apesar de ser colocada como um tema transversal a partir do Ensino Fundamental. Segundo Maia et al (2012), uma educação sexual ética e comprometida com a emancipação dos indivíduos necessita questionar e refletir sobre os padrões de normalidade transmitidos entre as gerações, contribuindo para a naturalização de comportamentos sexuais.

Atualmente no espaço escolar, nos deparamos cada vez mais com o aumento de crianças com problemas de aprendizagem, que muitas vezes podem ser ocasionadas por uma má orientação, seja esta de ordem sexual ou não, que pode interferir em seu processo de aprendizagem.

Este artigo tem como finalidade compreender a necessidade e a importância de relevar o ensinamento da sexualidade infantil na psicopedagogia, enfocando as suas contribuições no trabalho de orientação sexual. Esta pesquisa relata o desenvolvimento sexual da criança, suas fases, até a adolescência, tal como a história da sexualidade no Brasil, abordando a sua orientação sexual na escola através do enfoque da psicopedagogia.

O objetivo deste trabalho é analisar as manifestações referentes a conflitos gerados pela má compreensão da sexualidade infantil e refletir como o psicopedagogo pode intervir nessa realidade, considerando a importância desta sexualidade na formação integral do aluno e as dificuldades que esse tema pode apresentar ao ser trabalhado.

Para o desenvolvimento deste artigo foi utilizada uma pesquisa bibliográfica que buscou explorar diferentes abordagens e visões sobre a sexualidade infantil, tais como as visões de Freud, Guimarães, Foucault e Aquino para fundamentar tais questionamentos.

A COMPREENSÃO DA SEXUALIDADE INFANTIL

As formulações conceituais relacionadas à sexualidade infantil vêm sendo redefinidas por meio de várias pesquisas. Muitas vezes, esses conceitos se confundem e é importante salientar a ideia de Guimarães (1995) que nos traz a concepção de que sexo é hereditário, biológico, diferença física entre homem e mulher, diferença da anatomia, da fisiologia e do sistema hormonal de cada indivíduo. Para este autor, a sexualidade é entendida como vida, amor, relacionamentos, sensualidade, prazer, ou seja, é constituída de sentimento e emoções.

Segundo Freud, a sexualidade “é algo inerente que se manifesta desde o nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento” (Freud apud Guia de Orientação Sexual, 1994, p.22). Este psicanalista fez um amplo estudo a respeito da sexualidade humana no qual ressalta que a criança apresenta uma sexualidade diferente das outras espécies. Na infância, esta sexualidade não está ligada a reprodução sexual, mas sim as sensações ligadas a zonas erógenas corporais. Freud (1996) desenvolveu sua teoria psicanalítica concebendo como energia vital a libido, sendo esta presente em diversas fases na infância até à idade adulta.

Segundo Braga (2010), no final do século XIX e início do século XX, as descobertas de Freud provocaram grande espanto na sociedade conservadora, visto que até essa época, criança era vista como um símbolo de pureza, um ser assexuado. No decorrer de suas análises, percebeu que a sexualidade molda determinados comportamentos e que isso ocorre desde a infância.

Freud (1924), em seus estudos, se referia à relação da criança com seu próprio corpo e da relação desta com outra pessoa. Segundo este autor, a busca do prazer é uma forte motivação para o comportamento das pessoas. Desse modo, o foco dessa fonte de prazer muda de acordo com a fase em que a criança está.

As fases pré-genitais são nomeadas por Freud pela parte do corpo onde está concentrada a libido; ou seja, a energia sexual. Como por exemplo, na fase oral temos a boca e na fase anal temos o ânus. Em um percurso do desenvolvimento normal, a criança deve alcançar a fase fálica e, posteriormente, um período de latência, que se situa entre os seis aos nove anos de idade, até finalmente chegar à organização genital adulta, na qual alcança sua plenitude por volta dos dezoito anos de idade. Assim, a compreensão da teoria de Freud pode ser um elemento essencial aos educadores para tratarem da sexualidade infantil.

Neste meandro, Schindhelm (2011) aponta que esta concepção freudiana foi desenvolvida no contexto da sociedade vitoriana do final do século XIX e início do século XX. E como vivemos uma nova realidade social cercada pela tecnologia, devemos nos conscientizar que os padrões culturais assumiram novas formas, possibilitando que certos preconceitos da época vitoriana fossem analisados sob uma nova ótica, influenciado pelas pesquisas sociológicas e antropológicas.

A SEXUALIDADE INFANTIL NO SÉCULO XX.

A mídia e os demais meios de comunicação fazem constantes apelos da sexualidade, exibindo programas, filmes e novelas intensamente erotizados e campanhas contra as doenças sexualmente transmissíveis, o que muitas vezes acaba gerando curiosidade, ansiedade e questionamentos nas crianças por não entenderem de forma clara o real significado das mensagens transmitidas. Assim, acabam construindo um conceito fantasioso sobre a sexualidade (Brasil, 1998).

Conseqüentemente, a criança acaba levando consigo todos os seus anseios e curiosidades para a escola, que, como um espaço do saber, deverá contribuir para os esclarecimentos das dúvidas e das ansiedades que, muitas vezes, interferem no aprendizado dos conteúdos escolares (Brasil, 1998).

Foucault (1985) nos mostra que a preocupação com a questão da sexualidade cresceu nas últimas décadas e que foi só a partir de então que houve a preocupação em estudar cientificamente a sexualidade e, principalmente, a sexualidade das crianças. Ao contrário de Freud, Foucault (1985) compreende a sexualidade como uma invenção social, uma vez que o termo tem a sua origem em uma discussão sobre o sexo com a intenção de se normatizarem as suas regras.

Nos anos de 1920 a 1930, os problemas de “desvios sexuais” deixaram de ser percebidos como crime para serem compreendidos como doenças. A escola passou a ser dita como um espaço de intervenção preventiva da medicina higiênica, devendo cuidar da sexualidade de crianças e adolescentes, a fim de produzir comportamentos normais. Em 1930, a discussão sobre educação sexual eclodiu na escola num momento em que a sífilis fazia numerosas vítimas (Vidal, 1998).

A partir do século XX surgem as primeiras preocupações sobre Educação Sexual, que declaravam o combate a masturbação, as doenças venéreas e o preparo da mulher para o papel

de esposa e mãe. Neste mesmo período, em 1928, foi aprovada pelo congresso nacional de educadores a apresentação de um programa de Educação Sexual nas escolas. Segundo Aquino:

Em 1930 o jornal Diário da Noite realizou pesquisa e obteve resposta de grande apoio à educação sexual, revelando, no entanto, divergências quanto às estratégias de ensino e conteúdos programáticos. Nesse mesmo ano, no Rio de Janeiro, o Colégio Batista inclui em seu currículo o ensino da evolução das espécies e da educação sexual (SAYÃO apud AQUINO, 1997, p.108).

Entre as décadas de 30 e 50, não se teve relatos de outros movimentos ou iniciativas ligadas à educação sexual, porque “a Igreja Católica mantinha severa repressão sobre o tema” (Sayão, 1997, p.108).

Nos anos de 1960, algumas escolas públicas desenvolveram experiências significativas da educação sexual, mas deixaram de existir com o golpe militar de 1964, por falta de possibilidades e abertura suficiente para dar continuidade aos seus projetos já iniciados.

Sayão (1997) aponta que em 1968, a deputada federal Júlia Steimbruck, do Rio de Janeiro, apresentou um projeto de lei propondo a implantação obrigatória da Educação Sexual em todas as séries e em todas as escolas do país.

No decorrer da década de 80, com o surgimento da AIDS e o aumento da gravidez indesejado entre adolescentes, iniciava a Educação/Orientação Sexual na rede privada de ensino em vários estados do país, inclusive em escolas religiosas, mas apenas por meio de palestras dirigidas por psicólogos ou médicos. Neste mesmo período ocorreu também a implantação de programas sistemáticos entre alunos, orientados pelos professores em outras escolas, junto ao trabalho dos psicopedagogos cuja função seria intervir nessa realidade e analisar as dificuldades de aprendizagem a serem desencadeadas por questões referentes a conflitos gerados pela má compreensão da sexualidade.

Já na década de 90, a preocupação dos educadores quanto a inserção de programa de orientação sexual no currículo escolar se manifestou, de acordo com Aquino, em 1995, quando:

O MEC coordenou a elaboração dos “Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental”, trabalho este em fase de conclusão atualmente, para ser apreciado pelo Conselho Nacional de Educação. Esta proposta inclui a orientação sexual como um dos “temas transversais” a serem abordados no primeiro grau, de forma articulada com as disciplinas e outros temas como: ética, saúde, meio ambiente e pluralidade cultural (SAYÃO apud AQUINO, 1997, p. 111).

O trabalho de orientação sexual deve, portanto, ocorrer dentro da programação, através de conteúdos transversalizados nas diferentes áreas do currículo, promovendo informações e reflexões e permitindo que crianças e adolescentes compreendam a sua sexualidade como um aspecto natural da vida humana.

A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: UM ENFOQUE SOBRE A PSICOPEDAGOGIA

A Orientação Sexual é uma atividade pedagógica, a arte de ensinar pela reflexão, pelo pensar com autonomia, pelo estímulo à busca de novas fronteiras pessoais e novas maneiras de atuar criticamente diante da realidade (PINTO, 1999, p.55).

Na concepção de Pinto (1999), a orientação sexual viria a complementar a educação sexual; uma vez que a sexualidade se manifesta desde a tenra infância. Como ocorre uma amadurecimento emocional na fase da adolescência, Pinto (1999) aponta que não cabe apenas realizar simplesmente um trabalho de orientação de informações para esta faixa etária, mas deve-se sim focar a discussão de tabus e preconceitos voltada ao público como um todo, incluindo aqui infância também.

A sexualidade é um tema complexo na vida das crianças. Sabemos que as perguntas e comentários que elas fazem referentes às questões relacionadas a esse tema deixam muitos adultos sem saber como agir. Muitos preferem ignorar ou reprimir tais perguntas e questionamentos. Entretanto:

reprimir a sexualidade da criança é reprimir seu corpo, que se constitui na base real de seu próprio ser, na sua relação consigo mesma e sua personalidade (NUNES e SILVA, 1997, p. 52,53).

É importante reconhecermos que a criança passa por intensas descobertas, e que desde a tenra idade, ela expressa sua sexualidade nos diferentes ambientes de sua vida. A escola não fica inerte às manifestações da sexualidade infantil, pois é nela que as crianças passam uma boa parte de seu tempo.

Segundo Guimarães (1989), a escola é um lugar sistematizador do conhecimento, é um espaço adequado para o trabalho de orientação sexual. Sua atuação será de “educadora sexual secundária” (Guimarães, 1989, p. 116), pois a família possui um papel fundamental na construção da personalidade da criança, tais como nas questões da sexualidade que envolve estes valores.

Assim, o ponto de partida para se pensar em educação sexual na escola deverá ser mediante a educação informal dada pela família. De acordo com o PCN:

A sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, pelas relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças assumam (BRASIL, 1997, p.83).

Portanto, a orientação sexual dada pela escola deve ser diferenciada da orientação realizada pela família, principalmente no que se refere à transmissão de valores morais. Assim, a

escola deverá informar os familiares dos alunos a respeito da inclusão dos conteúdos de orientação sexual no currículo escolar, explicitando os princípios norteadores da proposta (BRASIL, 1997).

O trabalho de orientação sexual na escola deve ser abordado com uma linguagem coerente destinado a faixa etária dos alunos, respeitando as suas capacidades cognitivas. Esta terá como intuito esclarecer a curiosidade dos alunos, além de promover uma reflexão em relação às doenças sexualmente transmissíveis e a abusos sexuais, tendo como objetivo principal permitir que seus alunos compreendam sua sexualidade de forma natural (AQUINO, 1997).

Por estar ligada a assuntos delicados e íntimos, a orientação sexual se torna árdua para a maioria dos educadores, que se sentem constrangidos, despreparados por possuírem conhecimentos insuficientes e fragmentados ao abordar o tema, uma vez que ao tentar realizar a orientação sexual, esbarram-se em seus conceitos errôneos, seus mitos, tabus e preconceitos reforçados pela educação e sociedade. Assim, um outro profissional que poderia auxiliar no trabalho de orientação sexual na escola seria o psicopedagogo.

De acordo com Yaegashi (1992), na tentativa de reverter a situação do ensino no Brasil, observa-se a crescente expansão da psicopedagogia que se preocupa com as dificuldades de aprendizagem. Mas o que tem haver aprendizagem e orientação sexual? Qual é a importância da compreensão da sexualidade infantil na psicopedagogia?

A psicopedagogia teve grande contribuição da psicanálise e, como já citado neste artigo, Freud trata da questão da sexualidade infantil. Assim, o psicopedagogo possui bases teóricas para que a orientação sexual seja realizada de forma correta, conforme as características de cada fase do desenvolvimento da sexualidade infantil.

Além da psicanálise, outros teóricos também se debruçaram sobre a temática da sexualidade infantil, tal como Foucault (1988) que compreende a sexualidade como o entrelaçamento de elementos físicos, morais e psíquicos, ampliando a visão freudiana que se determinava somente ao nível psíquico. Além de Foucault (1988), Carvalho et al.(2002) destaca a sexualidade como um fato cultural que coloca em jogo as questões culturais entre os indivíduos. Isto significa que para este autor, a sexualidade pressupõe o caminho que seguimos até o alcance da identidade masculina e feminina. Assim, caberia ao psicopedagogo respeitar as dimensões culturais e sociais no âmbito da sexualidade infantil.

O psicopedagogo institucional também trabalha na área de educação dando assistência aos professores e aos outros profissionais no âmbito escolar para a melhoria da condição do trabalho de orientação sexual, bem como para a prevenção dos problemas de aprendizagem.

A entrada da psicopedagogia na escola estaria inicialmente referida à meta-aprendizagem, expandindo a todos os segmentos da escola aos alunos, professores, e todos os funcionários para

que possam refletir, observar e buscar significado na própria aprendizagem. Para Weiss (1992), a psicopedagogia busca refletir sobre o “aprender geral” da escola, buscando o conhecimento atualizado exigido no “aqui e agora” de nossa sociedade. Sua célebre afirmação relata bem essa ideia: “triste a escola que não acompanha o mundo de hoje, ignorando aquilo que seu aluno já vivenciou fora dela” (Weiss, 2007, p. 80). Assim, caberia ao psicopedagogo o reconhecimento da realidade externa vivida por estes alunos, compreendendo a manifestação da sexualidade por intermédio desta realidade.

Entretanto, Silva (2006) afirma que a sexualidade interfere muito na questão da identidade, principalmente da criança no processo de aprendizagem. A criança que tem conhecimento de si, de sua sexualidade, passa a ter um maior desenvolvimento escolar. Uma aprendizagem para ocorrer dentro de um desenvolvimento satisfatório necessita que as condições internas e externas do corpo estejam em perfeita harmonia. Assim, a boa aprendizagem inclui um corpo ou organismo saudável.

Outra questão é a sexualidade precoce que, segundo Pain:

É comum a criança com problema de aprendizagem apresentar um déficit real do meio devido à confusão dos estímulos, à falta de ritmo, ou à velocidade com que são brindados, pobreza ou carência diretamente associado a instrução de trabalho e de acordo com um ritmo apropriado para cada aquisição (1992, p. 48).

De acordo com a autora, a sexualidade precoce pode acarretar futuramente problemas na área da aprendizagem. Portanto, este trabalho busca analisar as manifestações referentes a conflitos gerados pela má compreensão da sexualidade infantil e refletir como o psicopedagogo pode intervir nessa realidade.

Uma criança vai a escola para aprender. Muitas vezes é bloqueada por existir um conflito devido a tensões e excitações de ordem sexual fora de idade, que podem ser causadas por uma curiosidade e anseio a respeito da sexualidade ainda não respondido. Sobre isto, Servelo diz:

O olhar psicopedagógico permite observar e detectar possíveis entraves na aprendizagem, investigando que dificuldades de assimilar conteúdos escolares podem estar aliados a libido e a pulsão sexual, impregnando a mente, confusamente provocando uma focalização diferente de pensamentos e atenção nos conteúdos que deveriam se ocupar para a aprendizagem (2007, p. 12).

O psicopedagogo, ao diagnosticar a causa, dará início ao trabalho de orientação sexual, e contará com sua formação que lhe proporcionará subsídios para que intervenha no problema de modo a amenizá-lo. Portanto, é necessário que o psicopedagogo apresente as seguintes características: disponibilidade em lidar com o assunto, o compromisso de estar atualizado com as informações referentes à sexualidade e os recursos a serem usados pelos alunos.

Além disso, o psicopedagogo deve respeitar as diferenças, garantir a ética no trabalho por parte dos alunos e do professor, bom senso, ser dinâmico, ter bom relacionamento com os alunos e tranquilidade ao abordar sobre os temas voltados à sexualidade. Essas são algumas das condições fundamentais que o psicopedagogo com enfoque de orientador sexual necessita para desenvolver seu trabalho.

O orientador sexual por sua vez, deverá ter uma formação específica e distinta, de maior duração, envolvendo aspectos desde conhecimentos teóricos a serem transmitidos, até a aquisição de atitudes positivas e sadias em relação à sexualidade, sua própria e de outrem, e da capacidade de tratar com naturalidade as questões que serão abordadas. E o critério de seleção indispensável é que o 'candidato' esteja interessado na temática e se sinta à vontade para falar de sexo (RIBEIRO, 1990, p.33).

Portanto, o psicopedagogo com este enfoque deve estar aberto para questionamentos, mudanças, e promover no âmbito escolar um meio capaz de proporcionar certas transformações no sentido de despertar nas crianças o desejo de questionar, refletir sobre o que está posto, e ter também capacidade de rever sua postura e seus conhecimentos constantemente.

A psicopedagogia tem grande importância na compreensão da sexualidade infantil, pois o psicopedagogo contribui auxiliando o professor no espaço escolar e pode orientar os pais realizando palestras e atendimentos individualizados, para que eles possam ter um olhar positivo voltado para esta realidade, participando e opinando para que ocupem um novo espaço no contexto da orientação sexual em relação aos seus filhos.

Vale ressaltar que é fundamental o trabalho do psicopedagogo na escola, embora não seja o único responsável por executar essa tarefa, que é de toda a comunidade escolar. Assim, a importância da psicopedagogia na orientação sexual abre possibilidades para a crítica sobre a sexualidade tradicional, criando condições para abranger os aspectos fisiológicos, culturais e sociais, repassando o conhecimento de forma responsável e consciente para as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade é aprendida ao longo do desenvolvimento do sujeito e deve ser discutida na escola desde a mais tenra idade. Sendo assim, é papel da escola, já desde a Educação Infantil, incluir a orientação sexual, sendo esta orientação assunto de grande importância na instância da psicopedagogia.

A orientação sexual ainda apresenta muitas dificuldades ao ser trabalhada no contexto escolar porque sua abordagem é extremamente complexa, uma vez que está ligada a assuntos

delicados e íntimos. Por isso, ela se torna árdua para a maioria dos educadores, que se sentem constrangidos e despreparados por possuírem conhecimentos insuficientes e fragmentados ao abordar este tema. Além disso, a sua implantação nas escolas, junto ao trabalho do psicopedagogo, soma-se a um alívio de ansiedades que, muitas vezes, quando esta orientação não ocorre, interferem nos problemas de aprendizagem.

Assim, a postura do educador é fundamental para criar condições favoráveis para o esclarecimento destas questões para os alunos. Ele próprio deve respeitar a opinião de cada aluno e, ao mesmo tempo, garantir o respeito e a participação de todos.

A partir do momento que o aluno internaliza as informações a respeito de seu corpo, sua sexualidade passa a ser melhor compreendida. Isto significa que à medida que a relação entre curiosidade, autoconhecimento e a sexualidade acontecem, a aprendizagem é desenvolvida no espaço escolar e as crianças passarão a assumir uma postura mais responsável diante da sociedade, sendo que a informação e debates contínuos sobre a sexualidade ajudam a construir uma sociedade mais equilibrada.

Através deste estudo, constata-se que o psicopedagogo tem grande importância no trabalho de orientação sexual e também na intervenção psicopedagógica por mostrar o seu caráter interdisciplinar, seu foco nos problemas de aprendizagem e por promover informações e reflexões, permitindo que crianças e adolescentes compreendam a sua sexualidade como um aspecto natural da vida humana, embora ainda seja necessário discutir as implicações sociais, subjetivas e políticas da inclusão do tema da sexualidade no currículo da educação.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. (org.). **Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo. Summus: 1997.

BRAGA, Marilandes Ribeiro. **Sexualidade Infantil**. Disponível em: <http://www.marilandes.com.br/mrb/?pg=verartigo.php&id=5>. Acesso em 05 de agosto de 2012.

BRASIL. Secretaria de educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Pluralidade cultural, orientação sexual/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. MEC/SEF, 1998.

CARVALHO et al. **Adolescência**. Belo Horizonte. Editora UFMG; Proex – UFMG, 2002.

FOUCAULT, M. (1985a) **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal.

FREUD, Sigmund (1996). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1924.

GTPOS, ABIA, ECOS. **Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia**. 4. ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 1994.

GUIMARÃES, Isaura: **Educação Sexual na Escola: mito e realidade**. Mercado de Letras, Campinas, SP, 1989.

MAIA, A. C. B.; EIDT, N. M.; TERRA, B. M.; MAIA, G. L. **Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural**. Psicologia em Estudo. Vol. 17, nº 1, 2012.

NUNES, César A. e SILVA, Edna. **As Manifestações da Sexualidade da Criança**. Campinas, SP: Século XXI; 1997.

PAIN, S. **Diagnósticos e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PINTO, Ênio Brito: **Orientação Sexual na Escola: a importância do psicopedagogo nessa**

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

SAYÃO, Yara. **Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários**. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo:

SCHINDHELM, Virginia Georg. **A sexualidade na educação infantil**. Revista Aleph Infâncias. Ano 05, nº 16, 2011.

SERVELO, Cristina Aparecida Beccari. **Orientação sexual: o papel do professor e a importância da psicopedagogia na sua abordagem**. Disponível em <http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2011/04/orientacao-sexual.pdf>. Acesso em: julho de 2012

SILVA, Maria Majaci Moura da Silva. **Perfil da sexualidade de jovens e adolescentes do ensino fundamental e médio do município de Bom Jesus- PI**. Disponível em http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt16/GT16_2006_12.PDF . Acesso em: julho de 2012

VIDAL, Diana G. **Sexualidade e docência feminina no ensino primário do Rio de Janeiro (1930-1940)**. In: BRUSCHINI, Cristina; HOLLANDA, Heloísa B. (Org.). Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil. 34. ed. São Paulo, 1998.

WEISS, Maria Lucia Lemme. **Psicopedagogia institucional: controvérsias, possibilidades e limites**. In: A prática psicopedagógica brasileira. Sao Paulo: ABPP, 1992.

_____. **Psicopedagogia Clínica uma visão diagnóstica do problemas de aprendizagem escolar**. 12º ed. Rio de Janeiro, Lamparina, 2007.

YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. **O que é psicopedagogia? Apontamentos**. Universidade Estadual de Maringá. EDUEM, 1992.